
Cruzamentos entre Jornalismo e Literatura em *Os sertões*¹

Sandy Aline PALCZUK²

Ariane Carla PEREIRA³

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, Paraná

RESUMO

A proposta deste trabalho é caracterizar um dos clássicos da literatura brasileira, *Os sertões*, de Euclides da Cunha, como livro-reportagem. Para isso, a partir da conceituação de Edvaldo Pereira Lima, busca-se a) evidenciar quais elementos típicos do discurso jornalístico são evocados por Euclides da Cunha durante a redação do livro; b) analisar como a utilização de recursos da escrita literária convergem com o jornalismo em *Os Sertões*; e c) identificar as marcas que fazem da obra um texto histórico pelo viés jornalístico da narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; New Journalism; Jornalismo Literário; Livro-reportagem.

O sertão é o homizão. Quem lhe rompe as trilhas ao divisar à beira da estrada a cruz sobre a cova do assassinado, não indaga do crime. Tira o chapéu, e passa.

Euclides da Cunha

A guerra de Canudos foi o primeiro acontecimento histórico brasileiro a ter cobertura diária na imprensa e, dentre as diversas obras relatando o acontecimento, a de Euclides da Cunha é a que mais se destaca. Como correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo*, Cunha rumou para a Bahia no final do século XIX, período em que o país vivia sob a República do Marechal Floriano Peixoto. Lá, ele produziu relatos detalhados de uma das maiores batalhas da época, a Guerra de Canudos, que se estendeu de outubro de 1896 a julho de 1897.

Os trabalhos de pesquisa e apuração jornalística de Euclides da Cunha foram pioneiros, assim como as ricas descrições do texto. Anos após o fim da batalha, em 1902, suas reportagens sobre Antônio Conselheiro e Canudos se tornaram um dos maiores clássicos do Jornalismo Literário brasileiro: *Os Sertões*. “Quando lança sua obra-prima

¹Trabalho apresentado na IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

²Acadêmica do curso de Jornalismo da Unicentro (Universidade Estadual do Centro-Oeste). Trabalho desenvolvido como Iniciação Científica, com apoio da Fundação Araucária na forma de bolsas do Pibis (Programa Institucional de Bolsas de Inserção Social). Integrante do Grupo de Pesquisas Conversas Latinas em Comunicação. E-mail: sandypalczuk@hotmail.com.

³Jornalista, mestre em Letras, doutora em Comunicação e Cultura. Docente do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em História da Unicentro (Universidade Estadual do Centro-Oeste). Orientadora do trabalho. Vice-líder do Grupo de Pesquisas Conversas Latinas em Comunicação. Diretora de Planejamento da Intercom. E-mail: ariane_carla@uol.com.br.

em 1902, Euclides da Cunha acaba por simbolizar aquele profissional que fica no meio termo curioso da ficção e da realidade para construir um relato de profundidade” (PEREIRA LIMA, 2009, p.2011).

Estruturalmente, *Os sertões* é dividido em três partes: “A Terra”, “O Homem” e “A Luta”. Na primeira parte, ele descreve o sertão baiano; na segunda, o foco recai especificamente sobre Antônio Conselheiro, líder religioso que, junto aos seus seguidores, instala-se em uma fazenda chamada Canudos; já na terceira parte do livro a narrativa concentra-se na guerra em si, ou seja, na batalha contra as quatro expedições que foram enviadas com o intuito de destruir os soldados de Canudos. Já do ponto de vista da escrita e do conteúdo, a obra é um híbrido de relato histórico, escrita literária e apuração jornalística. E são essas características que despertaram inquietações na estudante de Jornalismo que, com este trabalho busca, ao analisar a obra, identificar as características do texto jornalístico e, sobretudo, que possibilitam defini-la como livro-reportagem.

A predileção da leitora pela obra se transformou, logo no início da graduação em Jornalismo, em inquietação. Por isso, o livro da cabeceira transformou-se em objeto de pesquisa e esta tem como objetivo geral elucidar os meandros discursivos que compõem o texto de *Os sertões*. Assim, ao longo do desenvolvimento desse trabalho buscou-se a) evidenciar quais elementos típicos do discurso jornalístico são evocados por Euclides da Cunha durante a redação do livro; b) analisar como a utilização de recursos da escrita literária convergem com o jornalismo em *Os Sertões*; c) buscar as marcas que fazem da obra um texto histórico (pelo viés jornalístico da narrativa), mais do que um livro de estória (exclusivamente literário); e d) caracterizar a obra de Euclides da Cunha como livro-reportagem.

Com o desenvolvimento da pesquisa em questão, pretende-se mostrar que os conceitos fundantes do Jornalismo moderno – isenção, neutralidade, objetividade, imparcialidade – não estão presentes no chamado jornalismo literário desde seu início no Brasil, com a obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, mas que sua ausência não impedem o estabelecimento da credibilidade entre autor e leitor, fazendo desse texto uma narrativa duradoura. Neste contexto, esse trabalho de pesquisa analisa a estrutura narrativa do livro, evidenciando os elementos que fazem do mesmo, um livro-reportagem, ou segundo Pereira, jornalismo e literatura simultaneamente.

Mesclando jornalismo e literatura, o livro-reportagem não é apenas um nem somente outro; é, sim, um gênero à parte. Da mesma maneira, seu autor não é apenas jornalista nem somente escritor. Assim como sua escrita, não se enquadra em apenas um desses dois gêneros discursivos. (PEREIRA, 2010, p.25)

O new journalism surgiu na imprensa dos Estados Unidos, na década de 1960, com os escritores Tom Wolf, Gay Talese, Norman Mailer e Truman Capote. Classificado como romance

de não-ficção, o novo jornalismo tem como principal característica misturar as narrativas jornalística e literária. Segundo Edvaldo Pereira Lima,

o novo jornalismo traz à luz dos holofotes o mesmo timbre de sensualidade, de mergulho completo, corpo e mente, que outros meios de expressão da contracultura, como o cinema underground, estavam incorporando. Assim, suas reportagens têm calor, vida, rostos, nomes. Logo, os repórteres do *new journalism* querem não apenas retratar o que está acontecendo na contracultura, mas redescobrir também a América convencional. Só que com olhos diferentes, novos, quentes, envolventes. (1998, p.46)

No Brasil, a virada do século XIX para o século XX é marcada pelos primeiros passos do jornalismo em direção a literatura e Euclides da Cunha é um dos grandes nomes do jornalismo brasileiro a cruzar esse caminho e abrir as portas para o jornalismo literário. *Os Sertões* foi publicado em 1902 e, embora tenha estilo literário, não é ficção, e sim um relato factual da história de Canudos. A narrativa de Euclides da Cunha sobre Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos foi publicada, originalmente, nas páginas de *O Estado de S. Paulo* e se tornou um dos clássicos do jornalismo literário brasileiro, sendo a primeira obra caracterizada, anos depois, como livro-reportagem.

O livro-reportagem é um veículo de comunicação que desempenha papel específico, isto é, informar de forma ampliada os fatos. Em *Páginas Ampliadas*, Edvaldo Pereira Lima enfatiza o fato de que essa modalidade de veiculação da grande-reportagem faz parte da ampliação do panorama de ação do jornalismo moderno. Segundo o autor, muitos críticos classificam o livro-reportagem como uma literatura de segunda classe.

Antes de analisar a obra *Os Sertões*, como livro-reportagem, que é o que propõem este trabalho, precisa-se, primeiramente, entender o que é livro-reportagem e em que aspectos a obra em questão pode ser classificada como tal. Em *Páginas Ampliadas*, Edvaldo Pereira Lima, além de analisar o livro-reportagem como um subsistema do jornalismo, também o classifica e aponta suas funções. Para o autor, o livro-reportagem ocupa espaços vazios deixados pelas publicações periódicas, tais como jornais e revistas e, sobretudo, permite que o saber jornalístico vá além das especulações mais profundas que ultrapassam o imediatismo da notícia, sem perder a contemporaneidade.

Atrelada só a fatos em ocorrência, a imprensa luta contra o relógio, briga com a concorrência, desse modo praticando em muitas das ocasiões o exercício de uma informação pública imprecisa, incompleta. (...) Costuma faltar ao profissional, também, frequentemente, o salutar hábito da pesquisa mais apurada sobre o tema de sua pauta, antes de partir para a coleta que vai redundar na matéria. Ou, em certos casos, falta-lhe o domínio instrumental de lógica que lhe possibilite analisar um tema com amplitude, a partir daí podendo estruturar uma pauta abrangente, de alcance. Faltaria, por exemplo, um domínio das possibilidades que a Teoria Geral dos Sistemas oferece. (PEREIRA LIMA, 2009, p.32)

Assim, segundo Pereira Lima, o livro-reportagem vai um além da função de informar e orientar característica do jornalismo diário; ele “vai da informação simples, que localiza certos temas para o leitor, à jornada de grande profundidade em complexos temas contemporâneos, fazendo-a passar por ocorrências sociais, episódios factuais, acontecimentos duradouros, situações e figuras humanas” (1998, p.28).

Se fosse pensado apenas em termos físicos, o livro-reportagem poderia ser considerado ou definido apenas como um veículo de comunicação jornalística não-periódico. Porém, quando ele é analisado como fenômeno complexo e dinâmico, como um processo de comunicação social moderno pode ser entendido como um subsistema híbrido, com ligações fundamentais com o sistema jornalístico, em primeiro plano, e com ligações secundárias com o sistema editorial (Pereira Lima, 2009, p.38).

Ainda buscando caracterizar o livro-reportagem, o Pereira Lima propõe a seguinte divisão: os livros-reportagem que se originam de uma grande-reportagem ou são resultado de uma série de reportagens; e aqueles pensando como projetos para serem elaborados e publicados como livro. Ele também afirma que um livro-reportagem pode ter como ponto-de-partida a repercussão de um fato atual ou baseado em temas de interesse social não-factuais.

É visando uma narrativa ampliada que o jornalista se propõe a produzir um livro-reportagem. É na expectativa de encontrar a explicação que o jornal não deu ou de ser informado das ações de bastidores, subjacentes à ocorrência relatada na revista, que o leitor pode motivar-se a um aprofundamento na grande-reportagem que o livro propõe. (PEREIRA LIMA, 2009, p. 39)

Além da universalidade do livro-reportagem, Edvaldo Pereira Lima também dá ênfase a pauta, que é bem mais abrangente que a do jornalismo diário e goza de uma série de liberdades. Afinal, nele, o jornalista pode abordar uma infinidade de temas que não têm muito espaço nos jornais, justamente por estes estarem presos ao factual e à atualidade. O profissional conta ainda com liberdade de angulação, não precisando submeter-se à visão dos donos do veículo, prevalecendo, assim, a expressão do autor que dá “ao livro um colorido que às vezes falta na grande imprensa” (1998, p. 35).

Nessa mesma linha de raciocínio, o autor destaca ainda: a liberdade de fontes - afinal, como a produção não é limitada pelo tempo, o jornalista-escritor não se limita a ouvir apenas fontes consagradas; e a liberdade temporal - já que o autor é isento de compromisso com a atualidade e avança para uma abertura mais ampla de tempo: assim, livre do factual, o jornalista também ganha liberdade no chamado eixo de abordagem, podendo incluir questões para além do tema central, que vão complementar e contextualizar os fatos; por fim, há ainda a liberdade de propósito, que trata da possibilidade da reportagem publicada em formato de livro atingir um estágio de compreensão maior acerca de sua temática por seus leitores.

Esse conjunto de liberdades permite que, diferentemente do jornalismo diário, a imparcialidade não seja uma pretensão a ser alcançada pela narrativa do livro-reportagem. “Nesse tipo de tipo de discurso, o jornalista-escritor toma partido, posiciona-se. Ou seja, em suas páginas está toda a subjetividade de seu autor. E, apesar disso ou por isso, dependendo do ponto de vista, obtêm de seu(s) leitor(es) credibilidade” (PEREIRA, 2010, p. 99). O livro-reportagem, dessa forma, quebra os princípios do discurso objetivo e imparcial do jornalismo que ainda predominam entre profissionais da área.

O livro-reportagem, como o próprio nome designa, é uma reportagem publicada na forma de livro. A diferença primordial entre esse tipo de matéria e as feitas para serem veiculadas por jornais, TVs e emissoras de rádio é que o jornalista pode ser sujeito da notícia e não, apenas, um indivíduo que descreve a notícia. Isso quer dizer que ele tem compromisso com o leitor e com a verdade. Mas com a sua verdade que é definida a partir de ideologias que o interpelam, e não com a verdade definida pelos conceitos – extremamente subjetivos – da imparcialidade, da isenção e da objetividade que dominam o jornalismo diário. (PEREIRA, 2010, p.52)

Para a pesquisadora, “a confiança conferida pelo leitor ao discurso do jornalista-escritor provavelmente é construída pelas emoções suscitadas pelo autor, ao escrever, em seu interlocutor” (PEREIRA, 2010, p.100). Em reflexão que guarda semelhança com a anterior, Edvaldo Pereira Lima defende que o livro-reportagem procura atingir harmonia a partir de duas qualidades: a eficiência e a fluência. A primeira, então, tem relação com a tarefa de informar; já a segunda diz respeito a cumprir essa missão com elegância.

Paula Melani Rocha e Cintia Xavier, em *O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico*, concluem que “o livro-reportagem é um suporte específico e híbrido no que diz respeito aos gêneros jornalísticos e à retórica utilizada na construção do texto” (2013, p. 18).

Os procedimentos metodológicos adotados na produção de um livro-reportagem são semelhantes aos que compõem o processo de produção jornalística de uma reportagem ou grande-reportagem, no entanto, suportes diferentes e suas especificidades no tratamento destes procedimentos devem ser consideradas. No livro-reportagem, o processo de produção e construção textual configuram um movimento espiral, estabelecendo um diálogo em todo seu percurso. O suporte livro-reportagem exige um número suficiente de informações, dados, fontes, depoimentos para que contemple o conteúdo e o volume de um livro sem desfigurar sua relação com a realidade, sem migrar para a “invenção”, ou mesmo ficção. O que não o impossibilita de disponibilizar dos recursos do jornalismo literário. (ROCHA; XAVIER, 2013, p.18)

Os sertões: entre o jornalismo e a literatura

Enquanto esteve em Canudos, Euclides da Cunha enviou para o jornal *O Estado de S. Paulo* 22 cartas. A maioria delas foi publicada pelo veículo de comunicação como uma coluna intitulada *Diário de uma Expedição*. Segundo nota publicada pelo jornal em 30 de julho de 1897, ele não só enviaria “correspondências do teatro das operações” como tomaria notas e faria estudos “para

escrever um trabalho de fôlego sobre Canudos e Antônio Conselheiro”. Aspecto que pode ser o primeiro observado em *Os sertões* que o classificaria como um livro-reportagem. Ou seja, o fato de ter sido pensado, inicialmente, como uma espécie de grande-reportagem sobre a Guerra de Canudos.

Para Edvaldo Pereira Lima, os livro-reportagem que se originam de uma grande-reportagem ou de uma série de reportagens aproveitam “um fato de repercussão atual para explorá-lo com maior alcance, enquanto o impacto reverbera pela sociedade, como em ondas criadas pela pedrinha lançada na superfície de um lago” (PEREIRA LIMA, 1998, p. 35). Tanto em *O que é livro-reportagem* quanto em *Páginas Ampliadas*, Pereira Lima evidencia que os caminhos para uma boa reportagem passam pelas seguintes etapas: pauta, captação, redação e edição. E são essas etapas que serão o fio central das análises aqui tecidas a seguir.

Pauta

A primeira fase, a de produção da pauta, para um livro-reportagem, segundo Pereira Lima, nasce mais solta, não se prendendo às limitações da imprensa regular. É o que se vê na narrativa de Euclides da Cunha, que escolhe a forma de abordar os acontecimentos, buscando entender primeiramente o sertão e o sertanejo, para somente depois se embrenhar pelas lutas e os motivos que os levaram a ela e os mantém nela.

Logo em “A Terra”, a primeira parte de *Os sertões*, Euclides da Cunha demonstra não comprometimento com a factualidade e com a periodicidade dos acontecimentos. Ele não inicia narrando a guerra e seus desdobramentos. Primeiro, busca ao longo de cinco grandes capítulos apresentar ao leitor (que naquele primeiro momento era o do jornal) uma fascinante descrição do ambiente do sertão e da seca que assolava a região. Percepção e narrativas que eram frutos de um ampliado estudo geográfico, que também são apresentados ao leitor. Assim, primeiramente, Cunha apresenta o local, o clima, o relevo, a fauna e a flora da região.

A serra do Grão-Mogol, raiando as lindes da Bahia, é o primeiro espécimen dessas esplêndidas chapadas imitando cordilheiras, que tanto perturbam aos geógrafos descuidados; e as demais que a convizinha, da do Cabral mais próxima, à da Mata da Corda alongando-se para Goiás, modelam-se de maneira idêntica. Os sulcos de erosão que as retalham são cortes geológicos expressivos. Ostentam em plano vertical, sucedendo-se a partir da base, as mesmas rochas que vimos se substituírem em alongado roteiro pela superfície: embaixo os rebentos graníticos decaídos pelo fundos dos vales, em cômodos esparsos; a meia encosta, inclinadas as placas xistosas mais recentes; no alto, sobrepugando-as ou circuitando-lhes os flancos em vales monoclinicos, os lençóis de grés, predominantes e oferecendo aos agentes meteóricos plasticidade admirável aos mais caprichosos modelos. (CUNHA, 2015, p.31)

Assim, Euclides da Cunha, não se submete à periodicidade que, segundo Edvaldo Pereira Lima, impõe padrões de rotina com a construção da notícia pela fórmula mais rápida e também menos criativa. Já o livro-reportagem dá a liberdade para que o autor fuja do meramente

informativo e não se prenda apenas ao o que, quem, quando, onde, como, mas também busque os porquês (PEREIRA LIMA, 2009, p. 65). O livro-reportagem permite que seu autor, ao planejá-lo – ou seja, a pensar sua pauta em termos jornalísticos, ampla liberdade de angulação e a de propósito. E ambas estão presentes em *Os sertões*.

A formação de Canudos por Antônio Conselheiro fora fruto de uma grave crise econômica e social na região; era vista por seus seguidores como uma forma de salvação milagrosa para o sofrimento do povo do sertão. Euclides, usufruindo das liberdades da construção da série de reportagens (que origina o livro-reportagem), busca entender o conflito e, a partir dessa compreensão, denuncia as desigualdades econômicas, culturais e sociais entre o que ele chama de dois Brasis.

Duas sociedades em formação, alheadas por destinos rivais – uma de todo indiferente ao modo de ser da outra, ambas, entretanto, envolvidas sob os influxos de um administração única. Ao passo que no sul se debuxavam novas tendências, uma subdivisão maior na atividade, maior vigor no povo mais heterogêneo, mais vivaz, mais prático e aventureiro progressista em suma – tudo isto contrastava com as agitações, às vezes mais brilhantes mas sempre menos fecundas, do norte – capitânicas esparsas e incoerentes, jungidas a mesma rotina, amorfas e imóveis, em função estreita dos alvarás da corte remota. (CUNHA, 2015, p. 114)

O recorte acima foi retirado de “O Homem”, segunda parte de *Os sertões*. Nele o escritor busca contextualizar o contexto da guerra, permitindo, assim, uma compreensão também dos motivos que levaram esses homens a pegarem em armas e lutarem, ou seja, a possibilidade de vislumbrarem um futuro. Situação que, até os ensinamentos de Antônio Conselheiro, deles era furtada. Para exemplificar como era a vida desses homens, Euclides faz uso do recurso da comparação, enfatizando as diferentes realidades do homem do campo do sul e o sertanejo do norte.

O primeiro, filho dos plainos sem-fins, afeito às correrias fáceis nos pampas e adaptado a uma natureza carinhosa que o encanta, tem, certo, feição mais cavalheirosa e atraente. A luta pela vida não lhe assume o caráter selvagem da dos sertões do norte. Não conhece os horrores da seca e os combates cruentos com a terra árida e exsicada. Não o entristecem as cenas periódicas da devastação e da miséria, o quadro assombrador da absoluta pobreza do solo calcinado, exaurido pela adustão dos sóis bravios do Equador. Não tem, no meio das horas tranquilas da felicidade, a preocupação do futuro, que é sempre uma ameaça, tomando aquela instável e fugitiva. Desperta para a vida amando a natureza deslumbrante que o aviventa; e passa pela vida aventureiro, jovial, disserto, valente e fanfarrão, despreocupado tendo o trabalho como uma diversão que lhe permite as disparadas, domando distâncias, nas pastagens planas, tendo aos ombros, palpitando aos ventos, o pala inseparável como uma flâmula festivamente desdobrada. (CUNHA, 2015, p. 149)

Ao utilizar desse recurso de estilo, Cunha vai além da proposta da reportagem do dia a dia. O que ele faz, seguindo as reflexões de Edvaldo Pereira Lima, é proporcionar ao seu leitor

um conhecimento aprofundado da contemporaneidade. Ao tratar das circunstâncias que levaram à guerra, Euclides da Cunha, de certa forma, justifica a mesma e, assim, se posiciona, não seguindo os parâmetros da neutralidade e da imparcialidade que, desde o final do século XIX, norteava o modelo de jornalismo feito no Brasil, seguindo um padrão estabelecido em solo norte-americano.

Euclides da Cunha buscou entender o sertanejo, o sertão e Canudos. Assim, em vários trechos do texto, ele apresenta mais do que um relato dos acontecimentos, publicando uma análise desses. A definir o sertanejo como um homem forte, Euclides da Cunha posiciona-se. Ao não colocar-se como um olhar não neutro, segundo Ariane Pereira, o jornalista assume uma prática característica dos livros-reportagem e que difere esses textos das matérias que “podem ser veiculadas por jornais, TVs e emissoras de rádio”, isto é, nessa narrativa híbrida, como defende, “o jornalista pode ser sujeito da notícia e não, apenas, um indivíduo que ‘descreve’ a notícia” (PEREIRA, 2010, p. 52). Para a pesquisadora, ao assumir esse posicionamento ele afirma ter “compromisso com o leitor e com a verdade. Mas com a sua verdade que é definida a partir de ideologias que o interpelam, e não com a verdade definida pelos conceitos – extremamente subjetivos – da imparcialidade, da isenção e da objetividade que ‘dominam’ o jornalismo diário” (p. 52).

Não se prendendo às informações e às fontes oficiais, Euclides da Cunha busca por Antônio Conselheiro, o líder dos insurgentes. E ao escrever sobre ele, o jornalista não replica o perfil propalado pelo governo brasileiro de então e repetido pela mídia. Ele apresenta suas próprias impressões.

Paranoico indiferente, este dizer, talvez, mesmo não lhe possa ser ajustado, inteiro. A regressão ideativa que patenteou, caracterizando-lhe o temperamento vesânico, é, certo, um caso notável de degenerescência intelectual, mas não o isolou – incompreendido, desequilibrado, retrógrado, rebelde – no meio em que agiu. Ao contrário este fortaleceu-o. Era profeta, o emissário das alturas, transfigurando por ilapso estupendo, mas adstrito a todas as contingências humanas, passível do sofrimento e da morte, e tendo uma função exclusiva: apontar aos pecadores o caminho da salvação. Satisfez-se sempre com este papel de delegado dos céus. Não foi além. Era um servo jungido à tarefa dura; e lá se foi, caminho dos sertões bravios, largo tempo, arrastando a carcaça claudicante, arrebatado por aquela ideia fixa, mas de algum modo lúcido em todos os atos, impressionando pela firmeza nunca abalada e seguindo para um objetivo fixo com finalidade irresistível. (CUNHA, 2015, p. 185)

O contato com o líder, levou Euclides a investir ainda mais esforços para entender e fazer compreender a vida e a cultura do sertanejo. A proximidade do olhar, é assim uma tentativa de que seus textos não sejam sucessões de pré-concebidos ou estereótipos formados pelo olhar estrangeiro, dele que era do outro Brasil.

Volvem os vaqueiros ao pouso e ali, nas redes bamboantes, relatando peripécias da vaquejada ou famosas aventuras de feira, passam horas matando, na

significação completa do termo, o tempo, e desalterando-se com a umbuzada saborosíssima, ou merendando a iguaria incomparável de jerimum com leite. (...) Nas choupanas em festa recebem-se os convivas com estrepitosas salvas de ronqueiras e como em geral não há espaço para tantos, arma-se fora, no terreiro varrido, revestidos de ramagens, mobiliado de cepos, e troncos, e raros tamboretos, mas imenso, alumiado pelo luar e pelas estrelas, o salão do baile. Despontam o dia com uns largos tragos de aguardente, a teimosa. E rompem estridulamente os sapateados vivos. (CUNHA, 2015, p. 164)

Captação

Seguindo o raciocínio de Edvaldo Pereira Lima, depois da pauta, a próxima etapa para a produção de uma reportagem é a da captação. Para o autor, esta quando realizada para a produção de grandes-reportagem, séries de reportagens e/ou livros-reportagens é feita “de maneira mais rica do que na mídia convencional, exatamente por incorporar, intuitiva ou planejadamente, o uso de recursos mais eficientes, procedentes às vezes de outras áreas do conhecimento” (PEREIRA LIMA, 1998, p. 37). É o que faz Euclides da Cunha quando escreve sobre Canudos. São textos são ricos em informações oriundas dos saberes geográficos e históricos, por exemplo.

Demonstram-no os resultados mais recentes, e são os únicos dignos de fé, das indagações meteorológicas. Estas o subdividem em três zonas claramente distintas: a francamente tropical, que se expande pelos estados do norte até o sul da Bahia, com uma temperatura média de 26°; a temperada, de São Paulo ao Rio Grande, pelo Paraná e Santa Catarina, entre as isoterma de 15° e 20°; e, como transição, a subtropical, alongando-se pelo centro e norte de alguns estados, de Minas ao Paraná. Aí estão, claras, as divisas de três habitats distintos. (CUNHA, 2015, p. 105)

O jornalista também lança mão de estudos antropológicos da época para explicar de onde vem, como foi formando o sertanejo. Assim, nas páginas de *Os sertões*, ele traça o perfil de três “raças”, que teriam dado origem aos brasileiros.

Neste belo esforço, rematado pela profunda elaboração paleontológica de Wilhelm Lund, destacam-se o nome de Morton, a intuição genial de Frederico Hart, a inteira organização científica de Meyer, a rara lucidez de Trajano de Moura, e muitos outros cujos trabalhos reforçam os de Nott e Gordon no definir, de uma maneira geral mas completa, a América como um centro de criação desligado do grande viveiro da Ásia Central. Erige-se autônomo entre as raças homo americanos.

A face primordial da questão ficou assim aclarada. Quer resultem do homem da Lagoa Santa, ou se derivem, altamente modificados por posteriores cruzamentos e pelo meio, de alguma raça invasora do Norte, de que se supõe oriundos os tupis tão numerosos na época de descobrimento.

Esclarecida deste modo a preliminar da origem do elemento indígena, as investigações convergiam para a definição da sua psicologia especial; e enfeixaram-se, ainda, em algumas conclusões seguras. (...) Os dois outros elementos formadores, alienígenas, não originaram idênticas tentativas: o negro banto, ou cafre, com as suas várias modalidades, foi até neste ponto o nosso eterno desprotegido. Somente nos últimos tempos um investigador tenaz, Nina Rodrigues, subordinou a uma análise cuidadosa a sua religiosidade original e interessante. Qualquer, porém, que tenha sido o ramo africano para aqui transplantado, trouxe, certo, os atributos preponderantes do homo afer, filho das

paragens adustas e bárbaras, onde a seleção natural, mais que quaisquer outras, se faz pelo exercício intensivo da ferocidade e da força. (CUNHA, 2015, p. 100)

Ainda falando sobre captação, deve-se referir a coleta de dados e fontes registradas. Mesmo sendo utilizada no jornalismo cotidiano, é no livro reportagem “que a documentação com o auxílio à fundamentação do tema de que trata a reportagem ganha vigor e poder de sustentação” (LIMA PEREIRA, 2009, p. 128). Além de trazer diversos estudos de diferentes áreas de conhecimento, Euclides mostra diversas vezes a forma em que utilizou do cruzamento de dados e pesquisou sobre seus personagens. É o caso do capítulo que é destinado à história de Antônio Conselheiro, em que parte do texto trata da árvore genealógica do líder de Canudos, a partir de informações recolhidas em arquivos.

Assim começa o narrador consciencioso breve notícia sobre a genealogia de Antônio Conselheiro. Os fatos criminosos a que se refere são de um episódio apenas entre as razias, quase permanentes, da vida turbulenta dos sertões. Copiam mil outros que ressaltam, evidentes, a prepotência sem freios dos mandões de aldeia e exploração pecaminosa por eles exercida sobre a bravura instintiva do sertanejo. (CUNHA, 2015, p. 187)

A captação a partir de documentos, que prescinde o cruzamento de informações - tem o papel de conferir veracidade ao discurso do livro-reportagem (LIMA PEREIRA, 2009). E, nesse quesito, Euclides da Cunha vai além. O próprio jornalista esboça mapas da região de Canudos e do conflito, que ilustram algumas das reportagens publicadas por *O Estado de S. Paulo*, numa *demonstração de que* o jornalista não se satisfazia com o relato simples, informativo, mas buscava aliar a este a análise e a interpretação dos dados e informações.

Redação

O próximo passo para a produção de uma boa reportagem – já que o livro-reportagem, “como o próprio nome designa, é uma reportagem em forma de livro” (PEREIRA, 2010, p. 52) – ainda seguindo a lógica de Edvaldo Pereira, é a redação. Para o autor, o jornalismo cotidiano sofre de mais um mal, além das limitações na pauta e captação: o anacronismo de sua linguagem verbal. Esse mal estaria ligado à prisão do texto à informação, “perdendo-se o alcance possível de um tratamento mais enriquecedor, de uma exploração que traga, ao leitor, gratificação” ao ler (LIMA PEREIRA, 2009, p.134). Já o livro-reportagem,

apoiar-se no jornalismo cotidiano, mas amplia-o. Ao fazê-lo, crava sua própria especificidade entre as outras espécies de mensagens jornalísticas. Como gênero em ebulição, porém não há uniformidade rígida de suas características secundárias, embora as primárias estejam presentes. Chamo de característica primária, por exemplo, a busca de aprofundamento na cobertura da realidade. Denomino característica secundária a direção que esse aprofundamento toma, avançando no rumo horizontal ou no sentido vertical. (LIMA, PEREIRA, 2009, p. 62)

Em *Páginas Ampliadas*, Edvaldo Pereira Lima afirma que “a narrativa jornalística de melhor qualidade beira à arte e assume alguns dos nobres ideais de que esta pode revestir-se” (PEREIRA LIMA, 2009, p. 138). Assim, é no livro-reportagem que

o jornalismo lapida o brilho do seu potencial-limite, por vezes transcendendo-o, antecipando experiências de ponta que avançam para o território do até então desconhecido, incorporando-o, como conquista inovadora, ao universo em expansão onde gravita a elástica transmutação recicladora do jornalismo. (PEREIRA LIMA, 2009, p. 142)

Edvaldo Pereira Lima cita uma série de técnicas de tratamento da linguagem que, combinadas, visam atingir o objetivo de produzir um livro-reportagem: narração, descrição, exposição e diálogo. Para ele, “quanto mais balanceada a combinação de todos esses elementos, melhor o resultado em termos da qualidade final do texto” (LIMA PEREIRA, 2009, p. 147). No que diz respeito à narração em uma grande-reportagem são três os itens básicos a serem abordados pelo jornalista: situação, intensidade e ambiente. “A narração edifica-se, quase sempre, a partir de uma ação dada, mas privilegiando a intensidade e, menos frequentemente, o ambiente” (PEREIRA LIMA, 2009, p. 148).

A narração torna-se mais evidente, em *Os sertões*, a partir da terceira parte do livro, quando Euclides da Cunha passa a abordar a Guerra de Canudos e as quatro expedições enviadas pelo governo brasileiro ao local com objetivo de abater os sertanejos que ali viviam. Ao narrar as batalhas que vivenciou, Euclides da Cunha consegue transportar seu leitor também para o momento e lugar dos conflitos.

Chegaram primeiro a vanguarda do 7º e a artilharia, repulsando violento ataque pela direita, enquanto o resto da infantaria galgava as últimas ladeiras. Mal atentaram para o arraial. Os canhões alinharam para batalha, ao tempo em que chegavam os primeiros pelotões embaralhados e arfando – e abriram o canhoneio todos disparando a um tempo, em tiros mergulhantes.

Não havia errar o alvo desmedido. Viram-se os efeitos das primeiras balas em vários pontos; explodindo dentro dos casebres e estraçoando-os, e enterrando-os; atirando pelos ares tetos de argilas e vigamentos em estilhas; pulverizando as paredes de adobes; ateando aos primeiros incêndios...

Em breve, sobre a casaria fulminada se enovelou e se adensou, compacta, uma nuvem de poeira e de fumo, cobrindo-a.

Não a divisou mais o resto dos combatentes. O troar solene da artilharia estrugia os ares; reboava longamente por todo o âmbito daqueles ermos, na assonância ensurdecadora dos ecos refluídos das montanhas... (CUNHA, 2015, p. 348)

O recorte acima é a narração da chegada da terceira expedição enviada a Canudos, comandada por Moreira César. Intensidade no tratamento dos acontecimentos também percebida nos capítulos da parte final do livro - “Últimos dias”.

Chegando a primeira canhada encoberta, realizava-se uma cena vulgar. Os soldados impunham invariavelmente à vítima um viva a República, que era poucas vezes satisfeito. Era o prólogo invariável de uma cena cruel. Agarravam-

na pelos cabelos, dobrando-lhe a cabeça, esgargalando-lhe o pescoço; e, francamente exposta a repulsa esses preparativos lúgubres. O processo era, então, mais expedito: varavam-na, prestes, a facção.

Um golpe único, entrando pelo baixo-ventre. Um destripamento rápido...

Tínhamos valentes que ansiavam por essas cobardias repugnantes, tácita e explicitamente sancionadas pelos chefes militares. Apesar de três séculos de atraso, os sertanejos não lhes levavam a palma no estadear idênticas barbaridades. (CUNHA, 2015, p. 557)

Outra técnica de produção encontrada na obra de Euclides da Cunha é a descrição. Edvaldo Lima, em *Páginas Ampliadas*, diz que esta pode ser entendida como a representação de características particulares de seres, objetos e ambientes (2009, p. 150). Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari explicam melhor o modo em que é feita essa representação, onde o escritor “imobiliza esse objeto ou ser em certo instante do processo narrativo” (1986, p. 105) para poder detalhar cuidadosamente o episódio observado. A descrição está presente de forma mais evidente e recorrente nas duas primeiras partes de *Os sertões*, quando Cunha apresenta “A terra” e “O homem”.

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas.

É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gigante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. (CUNHA, 2015, p. 146)

Já nos trechos finais, a narração é congelada por alguns instantes para que a descrição prepare o clima e dê o tom do que virá na sequência. Exemplo disso é o momento em que um dos sertanejos se apresenta ao comandante de um dos batalhões para anunciar a morte de Antônio Conselheiro: “Levanta, com avidez de resignado, a fronte. A barba rala e curta emoldurava-lhe o rosto pequeno de olhos inteligentes e límpidos. Vestia camisa de azulão e, a exemplo do chefe da grei, arrimava-se a um bordão a que se esteava, andando” (CUNHA, 2015, p. 590).

A exposição também pode ser percebida na obra de Euclides da Cunha. Segundo Edvaldo Pereira, no livro-reportagem ela é atribuída ao texto quando o autor “quer discutir uma questão básica e argumentar de modo a tentar convencer o leitor a comungar sua visão do problema” (2009, p. 153). Um exemplo da exposição por Euclides da Cunha de seu posicionado pode ser percebido na capítulo “Canudos não se rendeu”:

Ademais, não desafiaria a incredulidade do futuro a narrativa de pormenores em que se amostrassem mulheres precipitando-se nas fogueiras dos próprios lares, abraçadas aos filhos pequeninos?...E de que modo comentaríamos, com a só fragilidade da palavra humana, o fato singular de não aparecerem mais, desde a manhã de 3, os prisioneiros válidos colhidos na véspera, e entre eles aquele Antônio Beatinho, que se nos entregara, confiante - e a quem devemos preciosos esclarecimentos sobre esta fase obscura da nossa história? (CUNHA, 2015, p. 597)

Também são evidências de “exposição” os argumentos apresentados por Euclides da Cunha ao contextualizar historicamente o conflito, já analisados e apresentados no tópico “Pauta” deste artigo.

Edição

O último dos elementos de análise elencados por Edvaldo Pereira Lima é a edição. Afinal, para ele, uma narrativa tão extensa e densa quanto a de um livro-reportagem requer um talentoso “tratamento de montagem, de estruturação e ordenação do conjunto de ações, ambientes, personagens, discussões, questões, de modo a haver, no todo, uma unidade organizada com lógica, graça e harmonia” (2009, p. 165). Tendo tais pressupostos como norte, ao analisar *Os sertões*, percebemos que Euclides da Cunha, ao organizar a narrativa seguindo uma ordem cronológica - “que se dá cronologicamente no tempo e linearmente no espaço, com princípio, meio e fim assim ordenados” -, tem uma “preocupação com a sequência de conflitos menores” que, em um conjunto somativo, formaram um “grande conflito” central da obra (PEREIRA LIMA, 2009, p. 166).

Mesmo tendo a cronologia dos fatos como espinha dorsal de seu texto, Euclides da Cunha também recorre a outras formas de edição dos fatos. No início de *Os sertões*, por exemplo, ele utiliza o recurso das “lições de passagem”, conforme denominação de Pereira Lima, que é uma espécie de “quebra de ritmo. Corte para a união de planos no tempo, no espaço. Junção de sequências (...) para alimentar a tensão que segura interesse, mantêm viva a leitura” (LIMA PEREIRA, 2009, p. 168). O leitor, ao terminar de ler um capítulo em que o autor descreve suas primeiras impressões sobre o sertão, jamais imagina que, no início do seguinte, se deparará com a enunciação da teoria segundo a qual o local onde hoje está o sertão brasileiro, um dia, antes da elevação da Cordilheira dos Andes, esteve submerso. Retomando, na sequência, a triste realidade do semi-árido.

Não existiam os Andes, e o Amazonas, largo canal entre as altiplanuras das Guianas e as do continente, separava-as, ilhadas. Para as bandas do sul o maciço de Goiás – o mais antigo do mundo – segundo a bela dedução de Gerber, o de Minas e parte do planalto paulista, onde fulgurava, em plena atividade, o vulcão de Calda, constituíam o núcleo do continente futuro...

(...) Então os terrenos da extrema setentrional da Bahia, que se resumiam nos cachopos de quartzito de Monte Santo e visos da Itiúba, esparsos pelas águas avolumaram-se num ascender contínuo. Mas nesse vagoroso alternar-se, enquanto as regiões mais altas recém desvendadas, se salpintavam de lagos, toda a parte média daquela escarpa permanecia imersa. Uma corrente impetuosa, de que é forma decaída a atual da nossa costa, enlaçava-a. e embatendo-a longamente, enquanto o resto do país, ao sul se erigia já constituído, e correndo-a, e triturando-a, remoinhando para oeste e arrebatando todos os materiais desagregados, modelava aquele recanto da Bahia até que ele emergisse de todo, seguindo, seguindo o movimento geral das terras, feito informe amontoado de montanhas derruídas. (...)

Daí a impressão dolorosa que nos domina ao atravessarmos aquele ignoto trecho de sertão – quase um deserto – que se aperte entre as dobras de serranias nuas ou se estire, monotonamente, em descampados grandes... (CUNHA, 2015, p. 50)

Outro recurso de edição permitido pelo livro-reportagem permite é o uso das chamadas funções da linguagem: referencial, expressiva, conativa, fática, poética, e metalinguística. Segundo Edvaldo Pereira, “o jornalismo cotidiano prende a maior parte da sua produção à primeira, pouco explorando as possibilidades das demais a fim de enriquecer o texto e atrair o leitor” (2009, p. 155). Já o livro-reportagem, afirma o autor, “pode atingir um nível excelente de qualidade estilística e temática, colocando-se em patamar compatível com o romance de ficção” (1998, p. 53), como ocorre em *Os sertões*. Afinal, tanto as descrições quanto as narrações de Euclides da Cunha são repletas de expressividade ou de poesia.

E lá se vão, marchando, tranquilamente heróicos...
De repente, pelos seus flancos, estoura, perto, um tiro...
A bala passa, rechinante, ou estende, morto, em terra, um homem.
Sucedem-se, pausadas, outras, passando sobre às tropas, em sibilos longos. Cem, duzentos olhos, mil olhos perscrutadores, volvem-se, impacientes, em roda.
Nada veem. (CUNHA, 1902, p. 267)

Removida breve camada de terra, apareceu no triste sudário de um lençol imundo, em que mãos piedosas haviam disparado algumas flores murchas, e repousando sobre uma esteira velha, de tábuas, o corpo do “famigerado e bárbaro” agitador. Estava hediondo. Envolto no velho hábito de azul de brim americano, mãos cruzadas ao peito, rosto tumefacto e esquelético, olhos fundos cheios de terra – mal o reconheceram os que mais de perto haviam tratado durante a vida. Desenterraram-no depois. Dádiva preciosa – único prêmio, únicos despojos opimos de tal guerra! – faziam-se mister os máximos resguardos para que se não desarticulasse ou deformasse, reduzindo-se a uma massa angulenta de tecidos decompostos. (...) ali estavam, no relevo de circunvoluções expressivas, as linhas essenciais do crime e da loucura... (CUNHA, 2015, p. 598)

Considerações finais

Euclides da Cunha, como jornalista, foi “testemunha ocular dos fatos”, como defenderia, décadas depois, o slogan do Repórter Esso. Ao presenciar os fatos e acontecimentos se permitiu tempo para compreender o local e seus personagens com um olhar não mais de estrangeiro. Seus relatos enviados para o jornal *Estado de S. Paulo* não limitaram-se ao simples relato. Ele apresentou quais eram as condições de possibilidade de vida daquele povo, naquele lugar. Compreensão que o levou a descrever as pessoas e narrar os acontecimentos sem isenção, neutralidade, objetividade ou imparcialidade. Mostrou-se. Foi, como afirma Edvaldo Pereira Lima, “um desbravador das fronteiras da narrativa” (2009, p.217).

Ao assumir tal posicionamento enquanto jornalista, o de uma escrita para além da narração do cotidiano, buscando as tramas que sustentam os fatos, Cunha evidencia que é possível que elementos típicos do discurso jornalístico sejam aprofundados e, nesse movimento, se mesquem, sem prejuízo para a informação, com recursos da escrita literária. Características que permitiram

que o papel jornal onde foram impressos os capítulos de *Os sertões*, com o passar dos anos, não tenham se perdido como papel para embrulhar peixe – como prega uma velha máxima jornalística sobre a validade das notícias das edições anteriores de um periódico –, e sim se eternizado como parte da história do país em formato de livro, mas não como ficção, nem como história, e sim como uma reportagem.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. São Paulo: Martin Claret Ltda, 2015.

PEREIRA, Ariane. **Rota 66 em revista – os discursos sobre o discurso do livro-reportagem**. Guarapuava: Eduni, 2010.

PEREIRA LIMA, Edvaldo. **Páginas ampliadas – o livro-reportagem como extensão do Jornalismo e da Literatura**. São Paulo: Manole, 2009.

_____. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

ROCHA, Paula Melani; XAVIER, Cíntia. O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico. **Rumores – Revista online de Comunicação, Linguagens e Mídias**, v.7, n.14, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/69434>. Acesso em 26/08/2018.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. 5. ed. São Paulo: Summus, 1986.